

O Jornal Oficina no Vale do Aço: Informação e Experiência Estética

Área Temática de Comunicação

Resumo

O jornal laboratório do curso de Comunicação Social/Jornalismo do Centro Universitário do Leste de Minas Gerais, *Jornal Oficina*, possui um estreito vínculo junto à comunidade do Vale do Aço, composta pelas cidades de Ipatinga, Coronel Fabriciano e Timóteo. A proposta editorial do referido jornal tem como um de seus pressupostos fundamentais a produção de matérias que contemplem questões locais, no âmbito social, político e cultural. Para isso, é necessário o conhecimento da realidade social em seus diversos domínios – político, cultural, econômico, científico – bem como o uso de referencial simbólico para representação adequada dessa realidade. Nesse sentido, os monitores do *Jornal Oficina* são incentivados pelos professores orientadores a estarem, por meio do trabalho de campo, em contato direto com o cotidiano da comunidade local, localizando, pois, as pautas mais relevantes para cada edição do *Oficina*. Pretendemos, neste artigo, evidenciar alguns procedimentos da dinâmica metodológica adotada pelo referido jornal laboratório, bem como os pressupostos teóricos que amparam sua prática jornalística, com objetivo de ressaltar o importante papel que o *Oficina* exerce na região em que é distribuído.

Autores

Elaine Cristina R. Moraes (especialista)
Reinaldo Maximiano Pereira (especialista)
Ms. Tailze Melo Ferreira

Instituição

Centro Universitário do Leste de Minas Gerais - UNILESTE

Palavras-chave: comunidade; jornalismo; narrativas

Introdução e objetivo

O jornal laboratório do curso de Comunicação Social/Jornalismo do Centro Universitário do Leste de Minas Gerais, *Jornal Oficina*, possui um estreito vínculo junto à comunidade do Vale do Aço, composta pelas cidades de Ipatinga, Coronel Fabriciano e Timóteo. A proposta editorial do referido jornal tem como um de seus pressupostos fundamentais a produção de matérias que contemplem questões locais, no âmbito social, político e cultural. Para isso, é necessário o conhecimento da realidade social em seus diversos domínios – político, cultural, econômico, científico – bem como o uso de referencial simbólico para representação adequada dessa realidade. Nesse sentido, os monitores do *Jornal Oficina* são incentivados pelos professores orientadores a estarem, por meio do trabalho de campo, em contato direto com o cotidiano da comunidade local, localizando, pois, as pautas mais relevantes para cada edição do *Oficina*.

Pretendemos, neste artigo, evidenciar alguns procedimentos da dinâmica metodológica adotada pelo referido jornal laboratório, bem como os pressupostos teóricos que amparam sua prática jornalística, com objetivo de ressaltar o importante papel que o *Oficina* exerce na região em que é distribuído. No entanto, acreditamos ser necessário discorrer, mesmo que em linhas gerais, sobre o curso de Jornalismo do Unileste-MG, antes de nos concentrarmos em

nosso objeto de análise, para que se compreenda melhor como pensamos a narrativa jornalística neste Centro Universitário.

A narrativa jornalística no Unileste-MG

No infundável processo de significações em que estamos inseridos, a produção de conhecimento é sempre parte de uma rede de textos e sentidos tecida no jogo entre produção e recepção. Esta rede, como bem lembra Pierrri Lévi (1993), não tem centro, antes se constitui num traçado complexo e bifurcado, em que podemos, por meio de nosso repertório, escolher nossas próprias trilhas na prática intertextual que caracteriza a própria cultura: *A rede não tem centro, ou melhor, possui permanentemente diversos centros que são como pontas luminosas perpetuamente móveis, saltando de um nó a outro, trazendo ao redor de si uma ramificação infinita de pequenas raízes, de rizomas, finas linhas brancas esboçando por um instante um mapa qualquer com detalhes delicados, e depois correndo para desenhar mais à frente outras paisagens de sentido.* (LÉVY, 1993, p.26).

No que se convencionou chamar de pós-modernidade, hibridismo e deslocamento parecem ser palavras significativas para dizer de um processo amplo de mudanças que, de forma veloz, vêm alterando referências que antes davam ao sujeito um lugar estável na malha social. Nesse contexto, o curso de Comunicação Social/Jornalismo do Unileste-MG concebe a produção de conhecimento dentro de um processo que poderia ser chamado de semiótica cultural. Por isso, no que se refere à implementação da grade curricular, privilegiamos as imbricações entre os diferentes saberes, que ao se (des)cruzarem permitem curtos-circuitos de sentido, possibilitando vislumbrar o contexto contemporâneo de forma mais complexa, já que a complexidade parece ser, de fato, inerente a nossa época. É na trilha da complexidade que o referido curso busca compreender o fazer jornalístico de maneira mais ampla, já que sabemos que o processo de massificação da informação leva, muitas vezes, a um entendimento reduzido do discurso jornalístico e, conseqüentemente, a produção do que Fernando Resende conceituou como “narrativas atrofiadas”. Segundo o teórico *Trata-se de narrativas constituídas a partir do universo epistemológico do Jornalismo que se pauta em lógicas hegemônicas no campo da Comunicação Social: a funcionalista e a teórico-crítica. São narrativas jornalísticas legitimadas por conceitos que há mais de meio século têm fundado o discurso jornalístico como, por exemplo, a objetividade e imparcialidade.* (RESENDE, 2004, p.13). Esse universo epistemológico, considerado dominante nos campos da Comunicação Social e do Jornalismo, acaba por homegeinizar uma prática que deve ser compreendida num viés polifônico e polissêmico. Nesse contexto, há que se pensar no discurso jornalístico dentro de uma perspectiva mais abrangente, que ultrapasse critérios reducionistas pautados nas tradicionais perguntas “quem, o quê, quando, onde, como, por quê?”.

Nesse viés de raciocínio, o jornalista, enquanto mediador social deve buscar a ampliação de sua *comovisão*, ou, para usar a expressão de Cremilda Medina, é necessário a esse profissional “desbloquear os portões fechados da percepção”. (Medina, 1996: 221). Nesse sentido, o jornalista pode valer-se da literatura e de outras artes como instrumento que, ao cativá-lo esteticamente, aumenta a chance do mediador social de escapar de critérios reducionistas amparados em pressupostos típicos do discurso jornalístico tradicional como, por exemplo, os conceitos de realidade, atualidade e objetividade, que se pretendem incontestáveis e totalizadores. A literatura, com sua “palavra-revelação” e sua carga de ambigüidade que lhe é inerente, abala certezas, alarga horizontes, amplia relações com o Outro. Isso possibilita ao jornalista sair da técnica objetiva e dar um aspecto mais humanizador a sua atividade de leitor cultural do mundo que o cerca, pois como bem lembra Medina: *Só um jornalista exposto à sensibilidade, racionalidade e ações criativas precípua ao artista, poderá, ele próprio, se aperfeiçoar para conviver mais complexamente com o real imediato. A literatura, ou a palavra-revelação por excelência, lhe oferece, entre as demais artes, um bom arsenal de estímulos e de percepções. A percepção, observação e lida cotidiana se*

enriquecem, amplia-se a cosmovisão, assim como se ampliam as narrativas. Acima de tudo, a literatura ajuda o jornalismo a que este se torne mais humano. (MEDINA, 1996, p. 215). Vale ressaltar que, ao citar a literatura como exemplo dos possíveis trânsitos do discurso jornalístico com outros campos do saber, não queremos com isso menosprezar possíveis contribuições que outras áreas do conhecimento podem dar ao jornalista, pois se a realidade é plural, a maneira de narrá-la deve contemplar tal pluralidade. O jornalista, enquanto narrador da contemporaneidade, não pode se ater a um modelo fixo de narrativa, pois, se assim o fizer, corre o risco de se perder em uma produção opaca, desinteressante e superficial. É certo que o discurso jornalístico deve se ater a uma linguagem legível, clara e transparente, todavia essas características devem e podem se manifestar em diferentes estruturas narrativas, sempre configuradas na enunciação que cerca o fato a ser narrado. Tudo depende do contato, da observação, e da relação primordial junto à realidade noticiosa ou noticiável.

Nesse sentido, trabalhamos com nossos alunos olhar para a realidade narrada, antes da técnica. Observar, sentir, pensar para, em seguida, narrar a experiência captada pelo olhar. É nessa mesma trilha que pensamos nossas atividades de extensão, dentre elas a exercida no jornal laboratório do curso, *Jornal Oficina*. O *Jornal Oficina* como extensão - O *Jornal Oficina* é, ao mesmo tempo, um projeto de extensão e o jornal laboratório do curso de Comunicação Social/Jornalismo do Unileste-MG. Trata-se de um veículo impresso, de periodicidade mensal, composto por 12 páginas, em formato tablóide, nas cores laranja, branco e preto. É um jornal basicamente de cunho sócio-cultural e traz informações veiculadas através de reportagens, artigos, crônicas, entrevistas e histórias em quadrinhos, além de outros modos narrativos característicos do discurso jornalístico.

Criado em 2001, o *Oficina* procura, principalmente, atender às demandas das comunidades acadêmica e do Vale do Aço com textos que além de explorarem as possibilidades das narrativas jornalísticas, atentem para a configuração de uma sociedade contemporânea, cada vez mais, marcada por pluralidade e diversidade. A questão que movimenta as atividades dentro da redação do *Oficina* é: como experimentar as possibilidades narrativas e estabelecer o elo entre a comunidade acadêmica e a comunidade local? Para isso, algumas vias, que acreditamos serem imprescindíveis, são traçadas e trilhadas para que tenhamos êxito a cada edição. Uma dessas vias é justamente pensar pautas de assuntos que valorizem o cotidiano da gente do Vale do Aço e a construção da memória local. A outra é o intercâmbio de experiências na rua, a interação com as pessoas e os fatos regionais que nos moverão na produção de textos mais humanizados que dialoguem com nosso público leitor. No campo textual, compartilhamos com Ricardo Kotscho (1995, p.14) uma concepção parecida, a de que não existem fórmulas científicas no jornalismo, temos, como qualquer jornal tem (ou deveria ter), a missão de ampliar e contextualizar os fatos e, sobretudo expandir o espaço para a criatividade do jornalista uma vez que “cada história é uma história, e merece um tratamento único”.

No *Oficina* defendemos a necessidade de incentivarmos propostas textuais que proporcionem tanta para quem ajuda a elaborar o jornal como para quem lê – e que de certa forma também nos ajuda – o engajamento com os aspectos humano, social e cultural da região em que vivem, ou seja, considerar o global sem perder de vista o local, o olhar regional, e as experiências de vida. De certa forma estamos resgatando uma atitude que julgamos fundamental que é do narrador que extrai da experiência da própria ou da relatada pelos outros as histórias que conta (BENJAMIN, 1987, p. 201). É por meio do diálogo e da troca de experiência com a comunidade local que edificamos a cada mês um novo exemplar, como novas histórias, novas possibilidades de interação. Criar histórias com cheiro, tato, som visão – todos os sentidos são necessários e bem vindos quando o jornalista-autor quer e pode dar sabor aos fatos. São pontos que contam a favor do texto da reportagem, com uma dose de liberdade, que possibilita ao jornalista ser ousado e deixar sobressair a criação. Isso só é

possível quando interagimos com a comunidade local e olhamos para o seu cotidiano, para as histórias que as pessoas têm para contar, as ações que as diferentes personalidades famosas ou anônimas executam e que são importantes no registro da diversidade e identidade cultural da região do Vale do Aço. É o que abordaremos no próximo tópico.

O jornalista perdeu, e/ou sob muitos aspectos, deixou perder, a tradição de contador de histórias, para tornar-se um profissional burocrata, um relator de acontecimentos que ergue a voz para defender uma pretensa objetividade, para dizer que jornalismo é técnica e faro e que diploma é dispensável, mas que não consegue explicar o fato de que, muitas vezes, reproduz textos prontos das agências noticiosas e, no mais grave dos casos, publica *press-releases* sem qualquer tratamento prévio. Um profissional que acha simples e cômodo o ato de telefonar para duas ou três fontes, em nome de um “pseudopluralismo”, porque substitui a necessidade de ir à rua e “dinamiza” o processo. Diante de um panorama contemporâneo que se esboça com cada vez mais complexidade, faz-se necessário levar ao mercado profissionais prontos para lidar com os aspectos humano, social e cultural da atividade jornalística. É preciso que os cursos sensibilizem seus estudantes quanto à responsabilidade de serem mediadores sociais, despertar o olhar para o cotidiano.

Um olhar para comunidade

A responsabilidade de trabalhar no *Oficina* faz os monitores do laboratório assumirem a postura de repórter e também de autor de textos que outros alunos irão ler. Com isso eles têm uma preocupação maior a informação que eles querem repassar e com o texto, sobretudo. Eles se dedicam mais à apuração, à procura de fontes, ao cruzamento dos dados e na melhor forma de construir um texto de qualidade que se aproveite das formas narrativas para consolidar um estilo autoral. Como lembra Edvaldo Pereira Lima (2004), os periódicos convencionais estão presos à uma estrutura que privilegia a informação, os repórteres não conseguem desenvolver um trabalho diferenciado – talvez devido ao enxugamento das redações e a falta de investimentos na prática da reportagem, um “abandono na extensão das coberturas”, como sinaliza José Hamilton Ribeiro (*apud* MEDINA, 1987, 136-145) –, as pautas são deficientes e dizem de assuntos do momento. Para Pereira Lima é necessário mergulhar, com fôlego na realidade, com certa dose de liberdade para se aproximar das artes como forma de enriquecer a narrativa jornalística. Concordamos com Cremilda Medina (1996), como jornal e como projeto de extensão precisamos incentivar a o ato de “ir à rua”, interagir com as pessoas e voltar para a redação com experiências, histórias de vida, ou seja, adentrar no cotidiano do Vale do Aço. Lembrando das lições de Medina (1991), se o texto do jornalismo convencional é homogeneizado e os vestígios de um autor são apagados por uma técnica que tenta compreender e formatar o mundo *lead* sumário, optamos no *Oficina* por uma trilha que nos mostra a diversidade e pluralidade a que estamos susceptíveis quando nos dispomos a olhar para o que nos cerca, ou seja, estamos dispostos a buscar o que ela chama de *cosmovisão complexa*¹. “Para uma cosmovisão complexa, torna-se precária esta política de dar aval à informação em pauta, através de uma, duas ou três falas enxugadas e retiradas do contexto em que foram proferidas. O mediador no mundo contemporâneo, no extenso e pluralista trânsito social em que atua, lida com um coral de vozes, com a polifonia” (1996, p. 232). É claro que esse caminho não é simples, alunos e professores precisam estar em sintonia constante e para isso foi criado, dentro do *Oficina*, no primeiro semestre de 2003, um grupo de estudos, o *Terceira Margem*, em que fazemos a leitura e análise de várias narrativas e manifestações textuais presentes em jornais e revistas que também assumem a iniciativa de criar, e o resultado disso já se faz sentir nas edições mais recentes do *Oficina*.

Por exemplo, na edição de número 15, em março de 2004, dois monitores-repórteres do jornal, Leonardo Gomes e Rômulo Amaral, subiram o morro para encontrar o artesão Neca, uma artista que, há nove anos, usa o barranco como suporte para suas esculturas, faces

¹ _____. *Povo e personagem*. Canoas: Ed. ULBRA, 1996.

humanas em maioria. Na região, muitos já tinham ouvido falar dele, suas imagens já tinham sido vistas, mas quem ele era de fato? “*Caminhamos no asfalto. A água do chão evaporava. Estava quente. Do asfalto avistamos outra escultura. Desta vez, bem no alto do barranco. Surge um desafio. Como chegar até lá? O caminho foi escalar, escorregar e quase despencar do barranco com todos os equipamentos. Depois de uma boa e “suada aventura”, conseguimos chegar. Outra face. Parecia retratar um homem. De lá, avistamos outras obras a beira do rio.*”²

Os autores desse texto assumem a postura de narradores, eles contam a história de um “artista do barranco”, atendo-se aos detalhes (o dia, o calor que faz evaporar a água do asfalto, o lugar, as peças) para compor uma trama em que os repórteres são personagens que vivenciam esta aventura de mostrar o artista típico do Vale do Aço que muitos desconhecem: “Ele trajava uma calça verde, uma blusa de botão clara e portava uma mala preta”. Eles encaram as dificuldades de acesso em busca da sua fonte: “foram alguns escorregões e... Não foi nada fácil”. E se depararam com um artista ingênuo orgulhoso de sua obra: “Pra mim é arte... pelo menos eu tentei fazer né”. O texto está em plena consonância com nossa proposta, dialogar com a comunidade, mostrar os que os outros jornais locais não mostram, suprir essa ausência, e experimentar novas formas de narrar histórias, um hibridismo de jornalismo e literatura sem perder a informação de vista.

Outro texto da mesma edição, os autores Rennan Vilar e Sabrina Federici optam pela mescla de realidade e ficção para perfilar o jornalista mineiro Carlos Herculano Lopes quando este esteve presente em Ipatinga para lançar o livro de crônicas *Pescador de Latinhas*: “*Dentre as crônicas ali presentes, a que mais chamou a atenção foi a que deu nome a publicação: Pescador de latinhas. A crônica narra a vida de um morador de rua que sobrevive da coleta de latinhas. Esta coleta, traduzida pelo autor como pescaria, foi encarada por nós como uma metáfora para atividade da escrita.*”³ O personagem da ficção ajuda a entender as emoções e os sentimentos do jornalista que se aventurou nos bosques da crônica, mas que concebe realidade e ficção em campos opostos. Os autores evidenciam no texto o quanto realidade e ficção se mesclam e que, talvez, nem se dê conta: “Aquele menino, o pescador de latinhas da ficção, toma conta da mão e do consciente deste pescador de realidades, possibilitando a confluência entre dois personagens”. Ao valorizar as histórias e personagens da região do Vale do Aço, ao olhar para este cotidiano o *Oficina*, até a despeito de seus detratores, prova que é possível aliar criatividade à informação, texto imagem diagramação perfazem um texto uno que a cada mês chega às mãos de um público leitor fiel e crítico e se consolida como um estilo construído perante as escolhas que o repórter faz na hora de transformar os fatos em histórias interessantes. Nada mais imprescindível, afinal, como dizia Walter Benjamin: “Cada manhã recebemos notícias de todo o mundo. E, no entanto, somos pobres em histórias surpreendentes” (BENJAMIN, 1987, p.203). Como Benjamin já dizia, na década de 1930, a arte de narrar, ou seja, “a faculdade de intercambiar experiências”, estava em vias de extinção porque as ações da experiência estavam em baixa (1987, p. 198). O que ele considerava um problema, já que “a experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorreram todos os narradores” (1987, p.200). Guardadas as devidas proporções, é possível notar, nos dias atuais, sinais dessa “extinção” das ações da experiência no campo do jornalismo. A atividade de noticiar está atrelada aos registros referenciais dos “acontecimentos jornalísticos”, sob a égide da objetividade, pressupondo que ninguém necessita ler para além do *lead*.

Achamos que é possível fazer um jornal evidenciando as qualidades narrativas que cada acontecimento pode demandar de quem escreve, ou seja, a construção de histórias cotidianas. Os reflexos dessa atitude já começam a ser sentidos em jornais como a Folha de S.

² GOMES, Leonardo e AMARAL, Rômulo. O artista do barranco. *Oficina*, Cel. Fabriciano, mar 2004, p. 3.

³ VILAR, Rennan e FEDERICI, Sabrina. Palavras enlatadas. *Oficina*, Cel. Fabriciano, mar 2004, p. 5.

Paulo, por exemplo, basta lembrar da série de reportagens de Sérgio D'Ávila, o *Diário de Bagdá*. Muitos jornalistas não encaram o desafio de explorar as qualidades das narrativas jornalísticas, pelo medo de cair nas malhas da ficção recorrendo à segurança da objetividade e do registro factual. Mas se aceitarmos que precisamos nos aproximar cada vez mais de nossos leitores, da nossa comunidade e de suas histórias veremos, como vemos na experiência do *Jornal Oficina*, que ser um repórter que trabalha com fatos e ser um contador de histórias não são atividades incompatíveis, excludentes ou antiéticas.

Referências bibliográficas

- BENJAMIN, Walter. O narrador, considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 197-221.
- LÉVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência*. (trad.) Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.
- MEDINA, Cremilda. Jornalismo e a Epistemologia da Complexidade. In: _____. (org.) *Novo Pacto da Ciência. A Crise dos Paradigmas*. 1º SEMINÁRIO TRANSDISCIPLINAR, ECA/USP, 1991. p. 193-205.
- MEDINA, Cremilda. *O Jornalismo na nova república*. São Paulo: Summus, 1987.
- MEDINA, Cremilda. *Povo e personagem*. Canoas: Ed. ULBRA, 1996.
- PEREIRA LIMA, Edvaldo. *Páginas Ampliadas: o livro-reportagem com extensão do jornalismo e da literatura*. Barueri, SP: Manole, 2004.
- RESENDE, Fernando. *Nas narrativas e no texto: as verdades do fato jornalístico*. COMO. Publicação Semestral do Departamento de Comunicação Social-Jornalismo. Centro Universitário do Leste de Minas Gerais. Unileste-MG. Ano1. nº 1. 1º Semestre 2004. p.07-13.
- RESENDE, Fernando. *O olhar às avessas- a lógica do texto jornalístico*, ECA/USP, 2002 (tese de doutoramento).
- SANTOS, Boaventura de Souza. *Um discurso sobre as ciências*. Porto: Afrontamento, 1987.
- VILAS BOAS, Sérgio. *O estilo magazine: o texto em revista*. São Paulo: Summus, 1996.